

O que não desenterramos

What we did not unearth

SOFIA SCARINCI NESTROVSKI*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – RS – Brasil

RESENHA DE:

ISHIGURO, Kazuo. *O gigante enterrado*. [S.l.]: Knopf, 2015.
(Título original: *The buried giant*.)

Ainda que seu domínio seja o da invenção, a arte da ficção, como toda arte, não deixa de aderir a um bom número de regras – regras sociais, nem sempre explícitas, convenções de escrita ou princípios de algum dito bom-gosto. Não é de se estranhar que a recepção crítica do novo livro de Kazuo Ishiguro pendeu mais para o negativo. O autor se entrega, sem constrangimento, ao campo daquilo que é tomado, por muito do meio crítico, como um certo mau-gosto literário, especialmente conhecido entre alguns best-sellers e séries de televisão. História de magia e dragões, ambientado na Idade Média, *O gigante enterrado* é um livro bastante esquisito. Esquisito e livre, de uma espécie de liberdade serena, pois quebra regras do jogo literário sem nem ao menos exibir que o que está fazendo é isso, uma violação da

regra, uma passagem para fora do campo da “boa literatura”. E a naturalidade com que Ishiguro o faz sequer parece simulada: ele entra num terreno de *Senhor dos anéis* e age como se sempre estivesse lá. E, afinal, sempre esteve, num certo sentido: o livro de Ishiguro faz lembrar que ficção é, justamente, ficção, que a criação pode ser livre, que o terreno, ao menos idealmente, não tem dono. A discussão sobre o gênero do livro, que alimentou muito da crítica, pode bem ficar a cargo dos livreiros – a estes cabe decidir em qual prateleira colocá-lo. Nosso interesse aqui é outro.

O romance se passa no território que hoje conhecemos por Grã-Bretanha, em algum momento pouco específico do século seis ou sete, em meio às hostilidades entre saxões e bretões e na convivência cotidiana com criaturas fantásticas. A história abre:

* Mestranda no DTLCC/FFLCH/USP, com pesquisa sobre William Wordsworth. Editora e idealizadora da *Revista Cisma*. <s.nestrovski@gmail.com>.



You would have searched a long time for the sort of winding lane or tranquil meadow for which England later became celebrated. [...]Icy fogs hung over rivers and marshes, serving all too well the ogres that were then still native to this land. The people who lived nearby – one wonders what desperation led them to settle in such gloomy spots – might well have feared these creatures, whose panting breaths could be heard long before their deformed figures emerged from the mist. But such monsters were not cause for astonishment. People then would have regarded them as everyday hazards, and in those days there was so much else to worry about.

E então o foco se concentra nos personagens principais, o casal já idoso, Axl e Beatrice. A trama começa com os dois sendo rejeitados pelo vilarejo onde vivem, sofrendo as penas dos que já passaram da idade em que ainda são considerados úteis à vida comunitária. Decidem partir em viagem atrás do filho, dando início a uma estrutura narrativa das mais tradicionais, a arquetípica “jornada do herói”. Do meio da união de elementos típicos de gênero, vem o motor da história, algo inusitado: *O gigante enterrado* gira em torno de um esquecimento generalizado que acomete todos os personagens – uma névoa tomou a região e apagou memórias recentes e antigas, pessoais e partilhadas. Seus efeitos são inconstantes. Algumas lembranças vêm à superfície aqui e ali, com fins e causas pouco claras. Ishiguro, em mais de uma entrevista sobre o livro, disse que o tal gigante enterrado seria tudo aquilo que preferimos esquecer na hora de estabelecer um relacionamento, seja ele a dois, seja o de uma sociedade inteira.¹ A ideia é

interessante. Mas não dá conta do livro, este sim, muito mais do que uma ideia vestida de romance. Mesmo se pudéssemos pensar no romance como uma roupa para um conceito, a que Ishiguro inventou com seu livro não veste bem.

Este texto é então uma busca, talvez solitária, para redimir o romance de seus críticos. Ainda que já tenha passado um ano desde seu lançamento, o livro não perde sua força, presente desde a primeira leitura e sustentada em releituras e na memória, apesar dos inevitáveis esquecimentos. É um romance menos arrebatador do que, digamos, *Os vestígios do dia* (1989), mas mais sedutor na sua estranheza. Para lê-lo, acredito não só ser preciso repensar o uso que faz das categorias de boa e má literatura, ficção e fantasia, mas sobretudo, afastar-se das leituras dos outros romances de Kazuo Ishiguro, que oferecem chaves prontas para este mais recente, mas que não destrancam suas portas.

Ainda que seja “apenas” seu sétimo romance publicado, já circulam em torno de sua obra algumas interpretações que podem muito bem funcionar para outros livros seus, mas que, se aplicadas ao *Gigante enterrado*, fazem dele um fracasso pálido em busca de copiar seus irmãos mais velhos. Nos seis anteriores, há uma preocupação notável com a perda, com uma insistente passividade diante da história, com os segredos que buscamos enterrar. Essas palavras-chave poderiam definir também a este livro. Mas não são elas que apresentam o que há de mais interessante nele, que talvez já possa ser pensado como uma transição do autor rumo a outras preocupações. Não sabemos para onde Ishiguro seguirá, nem se um escritor tão esporádico continuará escrevendo romances, o que faz da palavra “transição”

¹ Em entrevista à *Folha de S. Paulo*, por exemplo: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/07/1654240-em-o-gigante-enterrado-kazuo-ishiguro-explora-o-esquecimento.shtml>>.

um possível campo para mal-entendidos. Mas o ponto é: o *Gigante enterrado* ganha força quanto mais o deslocamos para longe dessa bibliografia prévia.

O inglês de Ishiguro costuma ser notado pelo tom contido, de um “equilíbrio desconcertante”, “uma calma estranhamente esvaziada”, segundo o crítico James Wood. No caso do *Gigante*, Wood afirma que, de tão artificiais, alguns trechos parecem cena do Monty Python – apenas um dos motivos pelo qual ele rejeita a obra (ou melhor, faz troça dela).² Mas Wood deixa passar algo de importante. Existe um falseamento de origem na linguagem, ou melhor, na língua deste romance, que o diferencia: os muitos diálogos que o compõem, assim como a narração que às vezes passa para a primeira pessoa de personagens, seriam ditos pelos tais saxões e bretões de séculos atrás. Sua língua, claramente, não poderia ser o inglês, se nos ativermos à verdade histórica e à verossimilhança narrativa. O livro é a ficção de uma tradução, e Ishiguro é ao mesmo tempo o criador desse mundo e seu tradutor. Mas a suposta língua de origem para essa tradução, isto é, a língua que os personagens fariam, é uma sombra cuja silhueta sequer imaginamos – mesmo se soubéssemos sua gramática, como adivinharíamos seus usos? Há um silêncio que ressoa em cada frase desse inglês canhestro, cheio de quinas. É uma língua que duvida de si mesma, um inglês de quem não domina muito bem o inglês, mas que tampouco é caricato ou denuncia uma origem estrangeira qualquer. Tudo que chega à página carrega consigo a lembrança de um esquecimento. Sentimos que há algo ali que deveríamos reconhecer,

mas que não se entrega. As coisas perdem seus contornos e certezas, e quem narra sequer sabe dizer ao certo os nomes de seus protagonistas – “In one such area on the edge of a vast bog, in the shadow of some jagged hills, lived an elderly couple, Axl and Beatrice. Perhaps these were not their exact or full names, but for ease, this is how we will refer to them”.

Se o inglês do romance é excessivamente artificial, como acusam seus críticos (Michiko Katukani, do New York Times, diz ser uma escrita empolada e formal, que tenta, sem sucesso, evocar tempos passados³), é justamente porque já se trata de um segundo grau de afastamento linguístico, e nesse espaço entre uma língua imaginária e sua simulada tradução corre muito ar, inflando a distância entre palavras e coisas. Há ainda um segundo giro: a distância é redobrada na figura do autor, cuja língua materna é não o inglês, mas sim o japonês, mais um grau de torção do desencontro linguístico (e, claro, as traduções para outras línguas também entram nessa multiplicação, ainda que estejam além do projeto do autor).

A língua aérea funciona como correlato para o vazio deixado também pelas figuras que povoam o livro. Os personagens do ciclo do Rei Arthur, os ogros, fadas e outras criaturas mágicas, guerreiros e gigantes, assim como a figura do barqueiro Aqueronte, são colocados em algum lugar entre o encanto e o constrangimento, parte clichê, parte mistério. Seriam a sugestão de alegorias – mas são imagens confusas, maleáveis e nebulosas demais para que identifiquemos para elas um sentido decifrável. Ou melhor, possuem a aparência

² <<http://www.newyorker.com/magazine/2015/03/23/the-uses-of-oblivion>>.

³ <<http://www.nytimes.com/2015/02/24/books/review-in-the-buried-giant-ishiguro-revisits-memory-and-denial.html>>.

de alegoria, mas trata-se de uma aparência sem conteúdo. Seus críticos, novamente, entendem o livro como alegórico, e usam o termo com carga pejorativa.⁴ Mas o interessante da forma alegórica é que ela indica a possibilidade de que tudo o que está ali é apenas substituto de uma história que reside além. Seria o meio de transporte para um outro lugar, o que cria uma intenção de movimento para o livro. No entanto, como tudo no *Gigante enterrado*, há uma sugestão que nos levaria para fora dele, mas quando tentamos buscar seu alvo, encontramos a neblina, como quem parte em viagem e logo se perde, sem lembrar para onde estava indo.

Afinal, ao mesmo tempo que seus personagens são muito familiares para nosso imaginário e habitam nossa memória, não sabemos muito bem dizer que espaço ocupam em nós. Não conhecemos o fundo dessas lendas, não lembramos em que momento elas se apresentaram a nós, ou como nos afetam e de que modo nos formaram. Assim como os personagens do romance vivem na história sem conseguir identificar para cada efeito uma causa, nós também vivemos certas narrativas culturais sem compreender suas origens e tramas. E se falo em “nós”, é porque penso que valeria a pena ler o *Gigante enterrado* também tentando imaginar o que esses nomes representam para quem vive às margens da cultura europeia, sem habitá-la propriamente mas sendo, em muito, habitados por ela – cultura que também para o autor vem atravessada por sua

origem estrangeira. E não só. Cabe aqui pensar que até Rei Arthur não é apenas britânico: ele é também o personagem reinventado tantas vezes no cinema norte-americano e nos livros infantis. As cenas de batalha entre cavaleiros que aparecem no romance são também cenas de filmes de caubói. Enfim – essas figuras estão na nossa memória e nosso imaginário de maneira mais ou menos vaga; e nós também não conhecemos a memória delas, a memória que construíram e carregaram ao longo dos séculos e através das culturas. Há algo inacessível aí, que talvez esteja enterrado, como sugere o título do romance, mas que, mais do que enterrado, parece ser vago demais para captarmos, como é a língua desconhecida cuja sombra sem contornos se projeta sobre o inglês moderno.

Com todos esses elementos em jogo, é impressionante a calma que atravessa o livro. A narração de Ishiguro é atravessada por uma melancolia difusa, que no entanto faz do romance um lugar de harmonia, e não de tensão, ainda que seja equilibrada em tom menor. É o equilíbrio construído em esquecimentos que possibilitam a harmonia da união do casal de protagonistas. A jornada do livro funciona porque o companheirismo de Axl e Beatrice é imenso e surpreendente. É um amor que beira o utópico, sem ser fantasioso. E os muitos anos de convívio desse casal sugerem a vastidão de histórias atravessadas juntos, das quais, no entanto, eles não se lembram. Se ressaltamos a importância da idade desses protagonistas, é porque uma das sugestões criadas pelo livro é de que a jornada empreendida seria em direção ao fim da vida. Afinal, trata-se de um romance fundado na mistura de lugares-comuns da literatura, e o encontro com a morte como ponto final

⁴ O termo aparece na resenha de Michiko Kakutani, <<http://www.nytimes.com/2015/02/24/books/review-in-the-buried-giant-ishiguro-revisits-memory-and-denial.html>>, James Wood, <<http://www.newyorker.com/magazine/2015/03/23/the-uses-of-oblivion>> e na de Neil Gaiman, <http://www.nytimes.com/2015/03/01/books/review/kazuo-ishiguros-the-buried-giant.html?_r=0>.

de uma jornada já seria algo esperado. É, de fato, para onde o livro nos leva. Mas nada é óbvio nesse ambiente, onde os personagens sequer conseguem lembrar do que foi que esqueceram. Caminham sem conhecer o passado, ainda que seja do passado que são feitos; tampouco habitam o presente de modo pleno. Vi-

vem, ao contrário, na ausência, procurando o lugar para onde vão as coisas quando elas se perdem. Sem consciência da continuidade do tempo, seguem, todavia, vivendo, até se esquecerem, enfim, da morte.

Recebido: 18 de agosto de 2016.

Aceite: 23 de setembro de 2016.